

RUGBY

MAGAZINE

Junho 1993

Federação Portuguesa de Rugby

N.º 2

**SELECÇÃO
SEGUE EM FRENTE
NO MUNDIAL**

**LISBOA SEVENS
MAIS COMPETITIVO**



Apoiamos as grandes realizações



Os TLP ganham em eficiência, rigor e dinamismo. A equipa responsável pelas Telecomunicações de Lisboa e Porto apostam numa linha de grandes realizações e apoiam elites jovens e dinâmicas. É essa a força e linha de futuro dos TLP - ao dar apoio à Selecção Nacional de Râguebi, e estimular um forte dinamismo criando condições para a vitória das grandes realizações.



Telefones de Lisboa e Porto, SA



FICHA TÉCNICA:

Director: Luís Claro. **Conselho Editorial:** Raul Martins, António Santos Serra, Luís Penha e Costa **Director Comercial e de Produção:** Duarte Ferreira **Redacção, Propriedade e Administração:** Federação Portuguesa de Rugby **Distribuição:** Federação Portuguesa de Rugby **Realização Gráfica:** Tipografia Jerónimus, Lda. **Periodicidade:** quadrimestral **Tiragem:** 1500 exemplares

RUGBY MAGAZINE

SUMÁRIO

NOTÍCIAS Pág. 2

A ACITIVIDADE DAS SELECÇÕES Pág. 7

JOÃO QUEIMADO E A ÉPOCA INTERNACIONAL Pág. 15

LISBOA SEVENS Pág. 17



Raul Martins
Presidente da Federação
Portuguesa de Rugby.

EDITORIAL

O Rugby Português está de parabéns! A resposta aos mais críticos aí está. Com a passagem à 3.ª eliminatória da Taça do Mundo — Grupo Europa Oeste ficamos a um passo da entrada na fase final e, embora não se prevendo o apuramento, coloca-nos entre as 13 melhores equipas da Europa num total de 53 países inscritos nesta prova e vindos dos cinco continentes. Mas a nossa participação, apesar de atingidos os objectivos, não foi isenta de erros dentro e fora do terreno de jogo pelo que haverá que proceder a alterações na estrutura técnica e organizativa das Selecções Nacionais.

Vem aí o Torneio Internacional de Sevens de Lisboa cuja organização já atingiu prestígio mundial e que este ano dá mais um passo qualitativo, já que as equipas participantes são Selecções Nacionais ou representativas do seu país.

Com ele encerra-se a época mas antes de partirmos para férias não deixaremos de organizar a Comissão de Desenvolvimento, preparar o programa de apoio ao Rugby Escolar, criar a Comissão de Formação, definir o calendário de provas e atribuir os subsídios aos clubes, para que a época de 1993/94 seja ainda melhor.

Saudações desportivas.

■ JUVENIS JOGAM TORNEIO DE LYON

A Selecção Nacional de Juvenis participou pela terceira vez consecutiva no Torneio Internacional de Lyon, tendo ficado classificada em nono lugar, entre catorze equipas. Este torneio contou com a presença de equipas nacionais, para além de várias selecções regionais francesas. Cada equipa participante jogou seis jogos de vinte e quatro minutos (12+12), mais um jogo de apuramento da classificação final de 30 minutos (15+15).

A comitiva portuguesa integrou os seguintes jogadores: Pedro Ramos (Belenenses); P. Meireles-Cap. (CDUP); Bruno Miguel (Cascais); João Grenho (Benfica); Marcelo Dias (CDUP); Pedro Salgueiro (CDUL); Pedro Bento (Évora); Luís Cravo (Benfica); Pedro Chança (Benfica); Rui Ribeiro (Benfica); Gonçalo Melo (Técnico); P. Braga-V. Cap. (Cascais); José Pedro (Cascais); Nuno Carvalho (Cascais); Pedro Oliveira (Cascais); André Duque

(Direito) Duarte Lino (Cascais); José Alves (TLP); A. Consciência (Cascais); Daniel Redondo (Lousã); Erié Gaivão (CRAV); Rui Pedro (Cascais).

Os resultados da nossa jovem selecção foram os seguintes neste torneio de Lyon:

- Portugal, 11 - Flandres, 12
- Portugal, 0 - Lyonnais, 28
- Portugal, 0 - Checoslováquia, 10
- Portugal, 0 - Itália, 20
- Portugal, 7 - Franche-Comte, 3
- Portugal, 5 - Auvergne, 7
- Portugal, 15 - Alpes, 7

A classificação final do torneio ficou assim ordenada: 1.º Pirenées; 2.º Lyonnais; 3.º Itália; 4.º Drome-Ardeche; 5.º Centre; 6.º Auvergne; 7.º Checoslováquia; 8.º Provence; 9.º — Portugal; 10.º Alpes; 11.º Franche-Comte; 12.º Suíça; 13.º Flandres; 14.º Roménia.

Em três participações neste torneio juvenil de Lyon, Portugal apresenta o seguinte quadro de resultados:

	N.º equipas participantes	N.º Jogos realizados	Vitórias	Empates	Derrotas	Pontos marcados	Pontos sofridos	Class. no grupo	Class. final
1991	14	7	2	—	5	23	87	6.º	11.º
1992	15	8	3	2	3	22	40	6.º	11.º
1993	14	7	2	—	5	48	87	5.º	9.º



Direito conseguiu manter-se na primeira divisão.

■ DIREITO ASSEGURA PERMANÊNCIA

O Grupo Desportivo de Direito (GDD), garantiu a permanência na I Divisão Nacional ao vencer o torneio de competência disputado no Universitário do Porto, tendo vencido a Académica por 13-5 e o CRAV por 17-8. Direito, que tem em fase adiantada a construção do seu campo de jogos, ganha assim outro alento para finalizar as obras.

No outro jogo desta "liguilha" a Académica bateu o CRAV por 33-15.

Na próxima temporada o nacional disputar-se-á noutra figurino, com a redução para oito clubes participantes. Jogarão o nacional maior de 93-94 os seguintes clubes: Cascais, Benfica, Belenenses, CDUL, Técnico, Lousã, Direito e Évora. ■

■ ESTÁGIO DE VERÃO PARA JUVENIS

A F.P.R. vai realizar um estágio para jogadores juvenis de 27 de Junho a 1 de Julho. Estarão presentes no Universitário de Coimbra, entre 35 a 40 jogadores sendo o rugby o grande tema de trabalho na parte da manhã. Haverá outras actividades, tais como canoagem, ciclismo, montanhismo e tiro ao arco.

O enquadramento técnico desta acção será assegurado por Francisco Mesquita, António Coelho, Tomás Morais, Arnaldo Neto, Dídio de Aguiar, José Xarepe e Ian Blectcher. ■

■ ÉVORA SOBE À PRIMEIRA

A equipa do Évora, ganhou o Nacional da II Divisão, pelo que jogará o campeonato maior na próxima temporada.

Não deixa de ser algo surpreendente esta vitória dos eborenses, que estavam em confronto directo com o "quinze" de Loulé, que era à partida o grande candidato à subida.

Entretanto, na próxima temporada a II Divisão será muito mais competitiva, já que jogarão a divisão secundária "quinzes" com largas tradições no rugby português como a Académica e Agronomia.

Para além destes históricos jogarão a II Divisão clubes como o CRAV, CDUP, UTAD e Loulé. ■



Técnico já joga nas Olaias.

■ TÉCNICO INAUGURA CAMPO DE JOGOS

O Técnico, clube filiado na F.P.R. desde 63-64 realizou um velho sonho, e inaugurou as suas novas instalações desportivas situadas nas Olaias.

O campo do Técnico-Galp, um excelente relvado tem 100 metros de comprimento por 65 de largura.

Dispõe de bancadas para 1000 espectadores e tem umas ótimas instalações sociais onde existem cinco balneários (um deles para árbitros) uma sala de musculação, um gabinete médico, uma arrecadação e dois apartamentos T1.

Nos pisos um e dois estão instalados um bar, uma sala administrativa, uma loja, um quiosque e um restaurante. Este novo recinto para a prática exclusiva do rugby teve o seu arranque em 1986 com a assinatura da escritura de cedência do terreno e custou qualquer coisa como 151 000 contos.

O Técnico, 5.º classificado no Nacional de 92/93, venceu a Taça de Portugal em 68, 69 e 73. Foi campeão da II Divisão em 64/65, 79/80 e 85/86 para além de ter sido campeão nacional em 80/81.

A inauguração do campo do Técnico dividiu-se pelos dias 22 e 23 de Maio, tendo estado em actividade sete equipas do clube.

No jogo mais importante desta inauguração os seniores do clube venceram os ingleses do Beckenhem por 25-23. ■

■ "SETE" DE CASCAIS CAMPEÃO NACIONAL

Disputou-se no passado dia 22 de Maio o primeiro Campeonato Nacional de rugby de sete, que teve como vencedor as equipa do Cascais que derrotou na final, o CRAV por 31-12.

Marcado pela ausência da totalidade das equipas de Lisboa, Lousã, Loulé e Aveiro, (só participaram oito clubes) este campeonato nacional ficou também marcado pela evolução registada em quase todas as equipas, com particular destaque para o CRAV e para a UTAD, apesar da superioridade manifestada pelos homens de Cascais.

Nas meias finais da prova o CRAV bateu a UTAD por 14-0, e o Cascais venceu a Académica por 12-0.

Para a atribuição do 3.º e 4.º lugar a Académica ganhou à UTAD por 19-12. ■



Cascais, campeão de rugby de sete.
(Foto Nuno Correia — Lisboa Sevens-92).

■ CASCAIS HOMENAGEIA "CAJÓ" E FRANCO LEAL

O Cascais homenageou durante um jantar, no passado dia 7 de Maio, o Carlos Jorge, o popular "Cajó", e António Franco Leal, duas pessoas que muito deram ao rugby nacional e particularmente ao do Cascais.

Franco Leal, praticante e dirigente desportivo em várias



Franco Leal, a alma do Cascais.

modalidades, foi um dos grandes impulsionadores do rugby em Cascais.

Desde 1975 treinou todas as categorias do Dramático, sendo neste momento uma referência do clube.

O "Cajó" iniciou a prática do rugby em Cascais em 75,



Cajó, um dos melhores pilares da sua geração.

tendo sido capitão de equipa em todos os escalões. Venceu ao serviço do clube o Campeonato Nacional da II e I Divisões, a Taça de Portugal e na temporada que agora finda a Taça Ibérica.

Várias vezes internacional (juvenis, juniores e seniores) foi um dos melhores pilares da sua geração. ■

■ CONVÍVIO DE ENCERRAMENTO DE BENJAMINS E INFANTIS

Este convívio realizou-se a 9 de Maio no Estádio Nacional tendo comparecido dezoito equipas de benjamins e quinze equipas de infantis.

As equipas foram: CRAV, Escola Primária Ponte da Barca, Académica, Agronomia, Direito, Benfica, Escola Primária de Arcos de Valdevez, Lousã, CDUL, Belas, TLP, Cascais, Loulé, Belenenses, Xénon e Técnico. ■

ALGUNS NÚMEROS DO NACIONAL

COM TANTO JOGADOR NÃO HÁ MELHORIA

O Campeonato Nacional da 1.^a Divisão de 92/93 movimentou um total de 393 jogadores, ou seja, uma média de 32,75 jogadores por equipa. Para uma competição com apenas 16 jornadas, este número parece-nos francamente exagerado.

Apenas três clubes utilizaram menos de 30 jogadores, entre eles o campeão nacional (Quadro 1). No entanto, o clube que mais longe ficou da tendência geral para a utilização de uma grande quantidade de jogadores foi o CRAV, que durante todo o campeonato recorreu apenas a 22 jogadores e cumpriu a fase final com apenas 19. No extremo oposto ficou a Lousã, que utilizou 39 jogadores, quase 80% mais que o CRAV.

Pedimos a vários treinadores que comentassem estes números, tendo sido unânime a opinião de que a quantidade de elementos utilizados pela maioria das equipas foi excessiva, o que poderá explicar em parte a sua incapacidade de atingir um padrão de jogo consistente e de qualidade.

A análise do número de jogos efectuados por cada jogador reforça ainda essa ideia. Com

efeito, o número de jogadores que participou em mais de dois terços dos jogos da respectiva equipa (e que terão portanto constituído o seu núcleo fundamental) é em muitos casos bastante reduzido — metade das equipas não tiveram mais que dez jogadores nessas circunstâncias (Quadro 2). Por outro lado, exceptuando apenas o Cascais e o CRAV, verificamos que o número de jogadores que efectuou

menos de dois terços dos jogos é o que tem maior expressão.

Esperamos que estes números sejam apenas o reflexo da fase de renovação em que muitas das equipas se encontram actualmente, pois, pensamos que, caso esta situação se venha a manter, traduzir-se-á inevitavelmente numa degradação do já fraco nível qualitativo do Campeonato Nacional. ■



O número de jogadores utilizados no Nacional foi um exagero.

QUADRO I — NÚMERO DE JOGADORES UTILIZADOS POR CADA EQUIPA NO CAMPEONATO NACIONAL

CLUBE	Número de jogadores utilizados		
	Na totalidade do Campeonato	Na fase final	Na fase de apuramento
CRAV	22	19	20
CASCAIS	27	24	24
UTAD	28	25	25
AGRONOMIA	32	28	28
TÉCNICO	33	28	27
CDUL	33	31	25
ACADÉMICA	34	2%	30
BELENENSES	36	33	28
CDUP	36	33	28
BENFICA	38	31	30
LOUSÃ	39	30	28
MÉDIA	32.75	28.33	26.17

QUADRO II — NÚMERO DE JOGADORES DISTRIBUÍDOS EM FUNÇÃO DO NÚMERO DE JOGOS REALIZADOS.

CLUBE	Número de jogadores que efectuaram			
	Mais de 2/3	Menos de 2/3	Menos de 1/3	Todos os jogos
CASCAIS	14 (14)	13 (10)	6 (4)	1 (4)
DIREITO	14 (16)	21 (13)	13 (9)	1 (3)
CRAV	13 (15)	9 (4)	6 (3)	8 (9)
UTAD	12 (12)	16 (13)	8 (8)	4 (7)
CDUL	12 (14)	21 (17)	13 (12)	1 (4)
LOUSÃ	12 (12)	27 (18)	20 (13)	1 (3)
AGRONOMIA	10 (13)	22 (15)	11 (9)	0 (0)
ACADÉMICA	10 (14)	24 (15)	12 (10)	0 (3)
TÉCNICO	10 (10)	23 (18)	14 (10)	0 (1)
BELENENSES	10 (11)	26 (22)	16 (16)	1 (2)
BENFICA	9 (11)	29 (20)	19 (11)	1 (4)
CDUP	8 (9)	28 (24)	16 (16)	0 (0)

NOTAS: Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir da consulta dos boletins de jogo, pelo que deverão conter algumas pequenas incorrecções, resultantes especialmente do facto de não haver uniformidade no registo dos suplentes utilizados. Entre parêntesis os dados relativos à fase final.

CASCAIS CONQUISTA TAÇA FRENTE AO CDUL

O Cascais, campeão nacional e ibérico, conquistou a Taça de Portugal pela segunda vez consecutiva, demonstrando que não tem rival em Portugal, não se vislumbrando quem lhe possa fazer frente nos próximos anos.

O Cascais terminou da melhor forma a temporada, ao bater sem apelo nem agravo o CDUL, por 37-13 na final da Taça de Portugal.

Os campeões nacionais fecharam a época com chave de ouro tendo feito nesta final da Taça uma exibição perfeitamente convincente. Na primeira parte o CDUL ainda resistiu tendo chegado ao fim dos primeiros quarenta minutos empatado a treze pontos.

Os universitários utilizaram todos os argumentos que dispunham, batendo-se com grande determinação no "pack" avançado que neste período teve mesmo algum ascendente sobre os cascaenses.

A partir duma pressão muito eficaz, e de um bom número de bolas conquistadas no "pack", o CDUL conseguiu impôr o ritmo da partida. O "Universitário" caiu psicologicamente, quando o Cascais empatou a partida a três minutos do intervalo, numa jogada claramente precedida de falta.

Na segunda metade, a história do jogo foi completamente distinta, tendo o Cascais jogado com grande à vontade, tal foi o domínio e o número de bolas que conquistou no bloco avançado. Com mui-

tas bolas ganhas em progressão foi fácil para as linhas atrasadas dos campeões nacionais desbobinarem o seu jogo, construindo uma série de jogadas de bom nível. Julgamos que o verdadeiro Cascais foi aquele que jogou a segunda parte da final da Taça, constituindo uma equipa coesa, com várias soluções e equilibrada quer ao nível do "pack", quer nas linhas atrasadas.

A questão está em saber até onde

irá a motivação dos homens da "linha" no futuro próximo.

Com arbitragem de Luís Feist, não isenta de alguns erros graves, as equipas alinharam e marcaram: CASCAIS — Luís Luís, Nuno Morais, Artur Freitas, Pedro Rogério, Tavares, João Tiago, Jorge Herédia, Alexandre Lima (5), João Jonet (5), Nuno Vilar Gomes, Nuno Durão (5), Tomás Morais, Rodrigo Castro Pereira (5), Murinelo, Vilar Gomes (3,5,2,5,2).

CDUL — Souto Barreiros (Braga), João Pedro (3), Paulo Silva, José Luís, Rebelo Andrade, Cláudio, Esteves (5), John Ferreira, Santos Lima, Lourenço Tomás, Belo, Manuel Cortes, Nuno Tomás (5), Francisco Saldanha, Ressano Garcia.



O Cascais superiourizou-se ao CDUL na final da Taça (foto referente ao jogo das meias-finais que opôs os Cascaenses à Académica).

OS RESULTADOS 92/93

OITAVOS DE FINAL	
Benfica-Belenenses	28-18
CDUL -Direito	63-7
Técnico -Belas	118-0
Cascais -Famalicão	147-17
Loulé-CDUP	VFC
Lousã-Moitense	VFC
Agronomia-CRAV	12-12
UTAD-Académica	8-22
QUARTOS DE FINAL	
Benfica-Técnico	5-25
Lousã-CDUL	15-25
Cascais-Loulé	90-3
Agronomia-Académica	12-25
MEIAS FINAIS	
Técnico-CDUL	0-6
Cascais - Académica	37-15
FINAL	
Cascais-CDUL	37-13

OS VENCEDORES DA TAÇA

1959 — Belenenses	1977 — CDUL
1960 — Não se realizou	1978 — Agronomia
1961 — Benfica	1979 — CDUL
1962 — Não se realizou	1980 — Académica
1963 — Não se realizou	1981 — Direito
1964 — Belenenses	1982 — Direito
1965 — Benfica	1983 — Benfica
1966 — Benfica	1984 — Benfica
1967 — Não se realizou	1985 — Benfica
1968 — CDUL	1986 — CDUL
1969 — Técnico	1987 — Cascais
1970 — Benfica	1988 — CDUL
1971 — Técnico	1989 — CDUL
1972 — Benfica	1990 — Académica
1973 — Técnico	1991 — Cascais
1974 — Académica	1992 — Cascais
1975 — Benfica	1993 — Cascais
1976 — Direito	

BELENENSES CAMPEÃO NACIONAL



Agronomia não se conseguiu superiorizar ao campeão Belenenses no final da Taça. (Foto referente à final de 91-92 Técnico-Agronomia).

O Belenenses foi o grande dominador do rugby júnior nacional, tendo conseguido vencer o Campeonato Nacional e Taça de Portugal.

Para igualar os seniores do Cascais só lhe faltará trazer de Espanha a Taça Ibérica do escalão. Os jovens do Restelo conseguiram vencer todos os jogos oficiais em que participaram na presente temporada, sendo este facto inédito pelo menos nos últimos quinze anos.

Venceram o nacional com oito pontos de avanço do segundo classificado, tendo marcado na fase final 412 pontos, só sofrendo 26 pontos.

De parabéns está José Mendes, que assim fornece jogadores de grande qualidade aos seniores do clube.

Direito, a beneficiar do excelente trabalho desenvolvido nas escolas do clube, foi segundo classificado, perfilando-se como um dos grandes candidatos à vitória em 93-94.

Cascais ficou em terceiro lugar, o que não costuma acontecer à turma da linha.

Agronomia foi a grande decepção do campeonato, uma vez que se julgava ser possível os agrónomos lutarem pelo título nacional.

O CDUP com um "pack" avançado muito sólido foi o quinto classificado com o mesmo número de pontos do quarto classificado, assegurando a continuidade do rugby no Porto.

A Lousã foi o único "quinze" que não venceu nenhum jogo, tendo no entanto garantido um lugar na "poule" final.

TAÇA PARA O RESTELO

O Belenenses conquistou a Taça de Portugal de juniores ao vencer Agronomia, finalista batido de 91/92, por 32-7, com 15-0 ao intervalo.

Os azuis que sucedem ao Técnico, vencedor das três últimas edições da prova, foram sempre superiores à Agronomia tendo tido sempre o controlo do jogo.

Os agrónomos lutaram muito, tiveram nalguns períodos o domínio territorial, mas nunca conseguiram criar perigo junto à linha da meta azul.

O confronto entre os "packs" foi equilibrado, tendo Agronomia desperdiçado nas suas linhas atrasadas muitas das boas bolas de qualidade de que dispôs.

O Belenenses, que pressionou sempre muito bem, aproveitou da melhor forma os erros do adversário, e circulou sempre com perigo o oval às suas linhas atrasadas.

A arbitragem foi de Bernard Guedes, coadjuvado por Mendes Silva e Arnaldo Neto. ■

VENCEDORES DA TAÇA

- 1976 — Agronomia
- 1977 — Agronomia
- 1978 — CDUL
- 1979 — Belenenses
- 1980 — Não se realizou
- 1981 — CDUL
- 1982 — Não se realizou
- 1983 — CDUL
- 1984 — CDUL
- 1985 — CDUL
- 1986 — Belenenses
- 1987 — CDUL
- 1988 — Cascais
- 1989 — Cascais
- 1990 — Técnico
- 1991 — Técnico
- 1992 — Técnico
- 1993 — Belenenses

AS EQUIPAS E OS PONTOS

BELENENSES — Fernando Esteves, Bruno Conceição, Tiago Esteves, Lourenço Cunha, Sarafana, André Cunha, José Cunha, João Gago (5), João Diogo (5), Pereira (3,5,2), Sottomayor, Clemente (Martin Mayer), Araújo, Batalha (5,5), Abecasis (2).

AGRONOMIA — Heitor, Gonçalo, Hugo, Madaleno, Ricardo Cabral, Frederico, Rodrigues, Pissarra, Labrincha (5), Bernardo, Tiago (2), Munõz, Guedes, Daniel.

OS RESULTADOS DA FASE FINAL

	Belenenses	Direito	Cascais	Agronomia	Lousã	CDUP
BELENENSES		68-0	39-0	40-5	29-0	64-0
DIREITO	7-47		55-24	5-24	40-0	43-19
CASCAIS	6-25	8-15		18-17	46-6	54-15
AGRONOMIA	3-44	5-20	0-5		VFC	36-0
LOUSÃ	0-13	12-51	5-36	5-24		12-15
CDUP	5-43	19-8	32-8	14-14		46-0

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	V	E	D	Fc	S	Pontos
1.º BELENENSES	10				412-26	30
2.º DIREITO	6		4		244-231	22
3.º CASCAIS	5		5		174-240	20
4.º AGRONOMIA	4	1	5		133-151	19
5.º CDUP	4	1	5		165-282	19
6.º LOUSÃ			9	1	40-300	9



Foi frente à Espanha, em Lisboa, que Portugal fez a sua melhor exibição.

MUNDIAL DE JUNIORES — 3.º LUGAR NO GRUPO A2

DERROTA FRENTE À BÉLGICA ADIA VITÓRIA NA FIRA

Apesar de ter perdido frente à Bélgica, de forma irreal e unicamente devido a uma arbitragem inconcebível do alemão Heinnamen, Portugal foi a melhor equipa do grupo A2 do mundial de juniores realizado em Lille.

A Selecção Nacional de Juniores não cumpriu os objectivos traçados, que eram o de vencer o grupo A2 do Mundial junior que decorreu em França e na Bélgica, e que teve como sede Lille. Tal insucesso ficou a dever-se a uma arbitragem inarrável do alemão Heinnamen, que deu de bandeja a vitória aos belgas, que acabaram por vencer o grupo. O nosso seleccionado era claramente favorito à vitória final, tendo demonstrado que era a melhor equipa do grupo, embora nunca tivesse feito durante todo o torneio uma exibição convincente estando alguns furos abaixo daquilo que pode e deve fazer.

Os juniores portugueses acusaram demasiadamente o estatuto de favoritos que lhes era dado para este mundial junior.

Apesar de tudo foram o "quinze" mais realizador (92 pontos marcados), a par do que menos pontos sofreu (28 pontos sofridos). Durante todo o torneio Portugal só sofreu um ensaio, e mesmo esse

mais do que duvidoso frente à Bélgica. Marcou nos três jogos realizados 15 ensaios.

AQUÉM DAS EXPECTATIVAS FRENTE À DINAMARCA

Portugal começou o torneio na localidade fronteiriça belga de Perluwez, frente à débil Dinamarca. Foi um mau jogo de rugby, nomeadamente nos primeiros vinte minutos, em que a turma portuguesa esteve completamente irreconhecível. Apesar de jogar mal, muito mal, Portugal cedo tomou conta do jogo, marcando o seu primeiro ensaio quando iam decorridos 23 minutos.

Logrou marcar ainda mais um ensaio na primeira parte, fixando o resultado ao intervalo em 14-0. Com uma prestação tão pobre na primeira metade da partida, contra tão fraca oposição exigia-se muito mais no 2.º tempo.

Assim veio a acontecer, tendo Portugal tomado completamente conta

do jogo, realizando alguns movimentos de grande qualidade.

No entanto a ideia que fica é a de que o seleccionado luso jogou muito abaixo das suas possibilidades, nunca tendo materializado em pontos o grande ascendente territorial de que dispôs.

Apesar de tudo construiu o resultado mais dilatado duma selecção junior em torneios Fira (em 1976, Portugal bateu a Jugoslávia por 50-6).

A desconcentração dos portugueses poder-se-á ter ficado a dever às péssimas condições envolventes deste jogo. Portugal equipou-se numa serração de madeira em plena laboração, numa cabine exígua com um único duche.

EQUIPA E MARCADORES

Fernando Esteves, Rodrigo Cirilo (Bruno Conceição-5), Tiago Cruz (5), André Cunha, Melo Castro, Nuno Neto, (Pedro Silva), José Cunha (Mário Marques), João Gago, João Diogo (Francisco Rocha), Miguel Barbosa, Pedro Marvão (2,5,2,2, 5,2), Miguel Portela (5), Sérgio Azevedo, Francisco Góis (5,5), Rui Cardoso, (5).

O terreno de jogo, embora relvado era extraordinariamente irregular, só não tendo havido várias lesões por obra do acaso e por todos os portugueses terem jogado com os pés devidamente ligados.

Apesar destes "acidentes" Portugal deveria ter jogado mais e melhor, tendo perdido a oportunidade de construir um resultado histórico.

BÉLGICA — COMO SE DESFAZ UM SONHO

A partida das meias-finais do grupo A2, entre Portugal e a Bélgica jogou-se em Charleroi, num terreno de jogo regular embora a relva fosse uma raridade. No en-

EQUIPA E MARCADORES

Fernando Esteves (5), Bruno Conceição, Tiago Esteves (Tiago Cruz), André Cunha, Melo Castro, Nuno Neto (José Cunha), João Gago, Mário Marques, Francisco Rocha (Luís Pissara), Miguel Barbosa, Pedro Marvão (2,3), Miguel Portela, Sérgio Azevedo (João Araújo), Pedro Leotte, Rui Cardoso.

tanto o campo fazia parte dum complexo desportivo havendo cabines condignas.

Este jogo, ficou condicionado por três factores todos eles adversos aos portugueses.

Em primeiro lugar choveu durante todo o jogo, facto a que os portugueses não estão habituados.

Em segundo lugar a bola Adidas de couro, bola oficial do torneio, era verdadeiramente inadequada escorregando sistematicamente a tudo e a todos.



João Gago, tal como no Belenenses, foi um capitão à altura na selecção.

Por fim o árbitro e os seus auxiliares conseguiram estragar o jogo prejudicando de forma clara e objectiva os portugueses, tudo fazendo para que os belgas vencessem, como de facto veio a acontecer.

Nos primeiros vinte minutos da partida Heinnamen marcou sete fora de jogo seguidos às linhas atrasadas portuguesas, quase todos, senão todos inexistentes. A partir de determinada altura os portugueses já não saíam na defesa para não serem penalizados.

As intervenções dos juizes da linha foram incontáveis, sempre para relatar factos contra os portugueses. "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura", que Pedro Leotte veio a ser expulso por indicação de um juiz de linha. De facto o ponta português agrediu a murro um adversário, só se tendo esquecido o "bandeirinha" de dizer ao

árbitro que foi na sequência de uma agressão de um jogador belga.

Houve situações em que os portugueses não podiam fazer "rucks", porque logo vinha um "auxiliar" dizer que um português tinha pisado ou pontapeado um adversário.

Um dos auxiliares do árbitro permitiu-se fazer nove intervenções técnicas, o que é claramente interdito pelas leis do jogo (óbviamente todas elas contra Portugal).

O outro auxiliar, calmamente, e com o jogo a decorrer virava-se para o treinador belga e dizia que nenhuma equipa junior recuperava de uma desvantagem de 13 pontos. Só que se ia enganando.

Aos 18 minutos Portugal perdia por 13-0, fruto da obtenção de um ensaio transformado e de duas penalidades. Aí o tal "árbitro" quis demonstrar que também sabia arbitrar e permitiu que os portugueses saíssem do seu meio campo. Tal bastou para que num espaço de 15 minutos, Portugal obtivesse 10 pontos através de um ensaio convertido e de uma penalidade. Com o resultado em 13-10 ao intervalo, tudo era ainda possível dada a forma exemplar como os jovens lusos se batiam.

No entanto na segunda parte foi interdito aos portugueses de jogarem no meio campo adversário. Sempre que Portugal colocava o oval no meio campo belga, lá o árbitro "descobria" uma falta contra os portugueses, voltando o jogo para o meio terreno lusitano.

OS NOSSOS PONTOS

Pedro Marvão	2,2,2,2,2,2,2,3,5,5	= 27
Francisco Góis	5,5,5	= 15
Rui Cardoso	5,5	= 10
Fernando Esteves	5	= 5
João Gago	5	= 5
Miguel Portela	5	= 5
Sérgio Azevedo	5	= 5
João Araújo	5	= 5
Pedro Silva	5	= 5
Bruno Conceição	5	= 5
Tiago Cruz	5	= 5

Os belgas obtiveram mais três penalidades, fixando o resultado em 22-10.

E o jogo?

Apesar de tudo Portugal voltou a não jogar bem, nunca se tendo adaptado às péssimas condições do terreno e da bola. Com algum ligeiro ascendente nas fases de conquista não usou devidamente o jogo ao pé, tendo feito muitos "avants" desnecessários.

O nervosismo e o tentar resolver os problemas através de soluções individuais passaram a ser a tônica. A cabeça deixou de funcionar e os belgas calma e paulativamente chegaram à vitória.

Não dizemos que com uma arbitragem normal os portugueses tivessem ganho, dizemos sim que o jogo se teria desenrolado de outra maneira.



Francisco Rocha, um dos médios do "quinze" júnior.

GRANDE QUALIDADE COM A ALEMANHA

Arredado da final, Portugal jogou em Lille com a Alemanha para atribuição do 3.º e 4.º lugares.

Diga-se que o campo era o único dos três em que jogámos em condições e dignidade para albergar uma partida do campeonato do mundo.

Neste jogo frente aos alemães Portugal jogou desinibido vencendo

por 34-3, com 19-0 ao intervalo. Neste encontro os jovens portugueses deram um ar da sua graça, tendo feito uma exibição convincente.

Pena foi que após três ou quatro excelentes jogadas tivesse havido um "avant" no último passe. Se tal não tivesse acontecido Portugal teria construído um resultado muito mais dilatado.

Jogámos bem no jogo de avançados onde conquistámos muitas

EQUIPA E MARCADORES

Fernando Esteves, Bruno Conceição, (Rodrigo Cirilo), Tiago Esteves, Henrique Duarte, André Cunha (Melo Castro), Pedro Silva (5), João Gago (5), Mário Marques (Nuno Neto), João Diogo, Miguel Barbosa, Pedro Marvão (2,2), João Araújo (5), Sérgio Azevedo (5), Francisco Góis (5), (Luís Pissarra), Rui Cardoso.

OS RESULTADOS DO MUNDIAL

GRUPO A1		GRUPO A2	
1.ª Jornada		1.ª Jornada	
França-Cecoslováquia	97-6	Portugal-Dinamarca	48-3
Argentina-Roménia	50-7	Bélgica-Taiwan	23-3
Itália-Uruguai	15-3	Alemanha-Suécia	20-3
Polónia-Espanha	22-8	Paraguai-Marrocos	15-9
2.ª Jornada		2.ª Jornada	
França-Polónia	74-3	Bélgica-Portugal	22-10
Argentina-Itália	37-6	Paraguai-Alemanha	19-3
Roménia-Uruguai	27-16	Marrocos-Suécia	34-0
Espanha-Cecoslováquia	31-14	Taiwan-Dinamarca	54-9
3.ª Jornada		3.ª Jornada	
Argentina-França	31-29	Bélgica-Paraguai	43-15
Itália Polónia	55-15	Portugal-Alemanha	34-3
Roménia-Espanha	34-8	Marrocos-Taiwan	27-3
Uruguai-Cecoslováquia	39-15	Dinamarca-Suécia	24-16

bolas, alternámos quase na perfeição fases de jogo à mão com fases de jogo ao pé, raramente saindo do meio campo adversário.

Nesta partida Portugal aproximou-se do seu real valor, tendo jogado a um nível semelhante ao que já tinha conseguido frente à Tunísia e à Espanha em Lisboa.

Não foi por acaso que Hourquet (o "patrão" dos árbitros da Fira) no fim do jogo tivesse ido à cabine portuguesa felicitar o capitão português tendo-lhe oferecido uma gravata da federação francesa.

PARTICIPAÇÃO BENÉFICA

Portugal fez neste mundial algumas coisas boas, tendo a nossa participação dado aos nossos jovens uma maturidade que a prazo trará os seus dividendos.

Nas fases de conquista nunca fomos dominados tendo a formação ordenado equilibrado com todos os adversários, tendo mesmo algum ascendente pontual nas três partidas disputadas.

No alinhamento ao contrário do que costuma ser hábito fomos reis e senhores em todas as bolas de introdução própria, tendo colocado muitos problemas nas conquistas adversárias.

ARGENTINA VENCE FRANÇA NA FINAL

O campeonato do mundo ditou a reconquista do título pela Argentina que bateu na final a França por 31-29, com 13-12 ao intervalo. Este encontro foi disputado no Stad du Nord em Lille, (que espantosamente tinha um círculo de cimento de lançamento do peso e disco numa área de validação), tendo maravilhado todos os presentes. Esta final não teve nada a ver com os outros jogos do torneio, constituído argentinos e franceses equipas de eleição. A partida foi jogada num ritmo alucinante do primeiro ao último segundo, sendo a garra e determinação argentinas determinantes na conquista de mais este êxito.

Os homens das pampas fizeram um tipo de jogo muito mais completo do que os franceses, quer jogando em perfuração pelos avançados, quer alargando o perímetro de jogo às linhas atrasadas.

A França poucas vezes jogou à

FEDERATION INTERNATIONALE DE RUGBY AMATEUR



25.º CAMPEONATO MUNDIAL DE JUNIORES



Nos reagrupamentos fomos superiores, embora tenhamos que exercer um controle mais efectivo para além de mais decisão e maior dinâmica no começo dos reagrupamentos.

No jogo das linhas atrasadas tivemos muitas dificuldades em jogar sobre pressão, o que não é de estranhar dado os nossos três-quatro jogadores em equipas que praticamente só atacam.

Fizemos alguns movimentos atacantes, alternando razoavelmente o jogo ao pé com o jogo à mão e com o jogo em perfuração estando quase sempre bem na defesa.

Em suma, foi uma participação benéfica, tendo todos os 24 jogadores jogado pelo menos um jogo sendo totalistas Fernando Esteves João Gago, Miguel Barbosa, Pedro Marvão e Rui Cardoso. ■

mão, tendo previligiado o jogo ao pé e as perfurações do "pack" avançado. Diga-se que quer o defesa quer o abertura dos "tricolores" são jogadores de eleição, com uns pés maravilhosos.

No entanto a defesa extraordinariamente agressiva dos argentinos, com uma terceira linha verdadeiramente intratável, poucas vezes permitiu aos franceses ultrapassarem a linha da vantagem.

Numa das raras ocasiões que o conseguiram marcaram o seu único ensaio.

Os argentinos que marcaram quatro ensaios sagraram-se campeões na última jogada da partida, após terem ganho uma "mellée" de introdução francesa que circularam às linhas atrasadas, tendo marcado ensaio à ponta.

Esta final, emotiva e extraordinariamente bem jogada constitui um digno epílogo para o mundial de Lille. ■

MENDES SILVA APITA FINAL

Este campeonato do mundo acabou por ser prestigiante para Portugal, já que Jorge Mendes Silva arbitrou a final do grupo C do mundial entre as equipas da Costa do Marfim e da Holanda. O árbitro português arbitrou ainda na primeira jornada da prova o jogo entre a Geórgia e a Suíça, que os georgianos venceram por 25-3.

Para além de ter ganho as insígnias de árbitro FIRA, Mendes Silva arbitrou dois jogos no torneio o que é inédito em termos de arbitragem nacional.

PORTUGAL JOGARÁ EM 94 COM O PAÍS DE GALES

Apesar das quatro derrotas em seis jogos, a selecção nacional continua no Campeonato do Mundo, adquiriu um modo de jogo mais sólido e consistente, denotando uma evolução assinalável nalguns aspectos do jogo.

A equipa das "quinas" teve uma progressão notória, desde 3 de Abril, altura em que defrontou a Roménia até ao recente embate frente aos espanhóis.

A derrota na Tunísia ficou aquém das expectativas, não ultrapassando Portugal um adversário que se julgava ao seu alcance.

As muitas experiências feitas neste encontro podem ter roubado uma vitória na Tunísia, coisa que ainda nunca aconteceu.

Embora os meios financeiros da F.P.R. não sejam elásticos julgamos que o "quinze" nacional deveria ter tido alguns jogos de preparação antes de iniciar a sua

ordenada lusa está aquém daquilo que já produziu e a circulação da bola às linhas atrasadas poderia ter ocorrido mais vezes, não é menos verdade que a evolução no alinhamento foi notável, o controlo da bola foi muito mais efectivo e a melhoria nos reagrupamentos assinalável.

ROMÉNIA — O REGRESSO AO GRUPO A DA F.I.R.A"

Portugal iniciou a sua época internacional frente à Roménia tendo averbado uma derrota algo pesada (41-13) frente aos homens dos balcões.

Cometeu alguns erros infantis,

A reacção portuguesa na segunda parte da partida foi de molde a criar alguns problemas aos romenos. Numa dessas jogadas, Nuno Mourão marcou o ensaio português (ensaio de penalidade).

Neste primeiro jogo Portugal deu algumas boas indicações, sendo os aspectos mais negativos a manobra defensiva e algumas falhas individuais de placagem.

ITÁLIA — INDICAÇÕES MUITO POSITIVAS

Frente à Itália, outro dos grandes do rugby mundial, Portugal deu excelentes indicações sendo a melhoria da prestação defensiva o factor mais saliente em relação ao jogo com a Roménia.

Portugal voltou a ter grandes dificuldades na formação ordenada, sofrendo dois ensaios a partir desta fase de jogo.

A dificuldade do "pack" avançado



Portugal estará presente na derradeira eliminatória do mundial.

participação no torneio da F.I.R.A. Aliás, a evolução verificada de jogo para jogo faz disso prova.

O "quinze" nacional, contestado nalguns sectores do rugby nacional teve períodos em que não convenceu, apresentando-se nalguns jogos "sobre-brasas" perante o seu público, teve no entanto o grande mérito de "passar" um modo de jogo começando a convencer os mais cépticos.

Se é verdade que a formação

como o do primeiro ensaio romeno, em que a cobertura da terceira linha foi inexistente.

A incapacidade do bloco avançado para parar os romenos foi notória, tendo o nosso adversário criado sucessivas segundas e terceiras fases provocando inúmeras situações de sobrenúmero nas linhas atrasadas.

Portugal teve neste jogo algumas falhas de placagem, que provocaram dois ensaios romenos.

em suster o adversário voltou a acontecer tendo os transalpinos dado uma lição de jogo pela linha avançada.

A turma nacional, conseguiu equilibrar a partida até aos 20 minutos, altura em que estava empatada a seis pontos.

No entanto os italianos fizeram um "forcing" e marcaram três ensaios nos últimos 20 minutos da primeira parte, todos eles a começarem em falhas do "pack" português.

Na segunda metade a equipa nacional, jogando mais desinibida constituiu alguns bons encadeamentos, com a criação de segundas e terceiras fases, colocando problemas à defesa italiana.

Foi assim que obteve o seu ensaio, na sequência de um pontapé de penalidade jogado rápido.

Portugal teve ainda neste jogo um excelente movimento de avançados, "maul" em progressão empurrando o "pack" adversário, que assinalava o inconformismo dos avançados e confirmava os progressos verificados.

TUNÍSIA — AVANÇADOS AQUÉM DO ESPERADO

Em jogo disputado no Estádio Olímpico de Tunis, a selecção portuguesa não conseguiu — mais uma vez — derrotar a equipa nacional tunisina, acabando com a desvantagem de 14-10 no marcador (que por acaso não existia). Num campo com uma superfície em bom estado de conservação, mas com as cabines localizadas a cerca de um quilómetro, sem qualquer bancada ou outra estrutura de apoio — o operador de vídeo da nossa selecção foi forçado a filmar o encontro no tejadilho de uma camioneta — a equipa lusitana não teve arte nem engenho para desfeitear um forte "pack" avançado que integrava três "franceses" de muito bom nível, e umas linhas atrasadas que tem no seu abertura, e especialista em "drops", o elemento mais influente.

Sem conseguir domínio ao nível, das formações ordenadas, foi sempre com grande sacrifício que a equipa portuguesa conseguiu sustentar as investidas constantes dos avançados tunisinos. Apesar de um certo equilíbrio nos alinhamentos e nos "rucks", foi de novo tunisino o ascendente ao nível dos "mauls", onde a bola aparecia quase sempre do lado dos donos da casa.

Uma arbitragem bastante irregular do francês Daniel Pascal, que não só anulou aquele que seria o segundo ensaio de Pedro Murinelo como teve alguns erros técnicos graves, não foi razão justificativa para a derrota, já que se esperava mais, e melhor, da equipa portuguesa.

Esta derrota, no entanto parece ter tido o condão de despertar os jogadores portugueses para os jogos correspondentes ao Campeonato do Mundo que disputaram em Lisboa, nos dias 11, 13 e 16 de Maio. ■

OS JOGOS DE PORTUGAL

3 DE ABRIL/93

PORTUGAL-ROMÉNIA

Árbitro — Helmut Rohr (Alemanha)

Resultado — 13-41 (0-19)

PORTUGAL — Eduardo Macedo, João Rocheta, Artur Freitas (Joaquim Ferreira), Pedro Rodrigues, Simão Cunha, João Catulo, António Cunha, José Pires, João Jonet, João Queimado (3,2,2), Pedro Murinelo (Pedro Neto), Nuno Mourão (5), Castro Pereira, Tomás Morais, Vilar Gomes.

ROMÉNIA — Ghedrghie Cristian, Cîlinca Gabriel, Vlad Gabuel, Dumitrius Haralambie, Cozocariu Constantin, Secelean Ionut (5), Guranescu André (5), Brinza Tiberiv, Foca Mihai, Racean Nicolae (5,2,2,5), Solomie Gheorghie (5), Fulina Nicolae, Nedellu Marius (Nichitean Neculari-2), Mitocar Adrian (5), Tofan Stefan (5).

17 DE ABRIL/93

PORTUGAL-ITÁLIA

Árbitro — Peyrelongue (França)

Resultado — 11-33 (6-23)

PORTUGAL — Luís Luís, Miguel Baptista, Eduardo Macedo, Simão Cunha, Pedro Rogério, Francisco Borges, Jorge Herédia, António Cunha, João Jonet, João Queimado (3,3), Tomás Morais (5), Nuno Mourão, Castro Pereira, Pedro Murinelo, Pedro Neiva.

ITÁLIA — Dai Sie, Moscardi, Cuttitta, Giachery, Cchinato, Rigo (5) (Scorlon), Giovanelli, Coppo, Casellato (5) (Faltiba), De Marco, Perziano, Tommasi, Bordon, Brunello, Filizzola (2,3,3,7).

24 DE ABRIL/93

TUNÍSIA-PORTUGAL

Árbitro — Daniel Pascal (França)

Resultado — 14-10

PORTUGAL — Eduardo Macedo, Domingos Silva (João Rocheta), Joaquim Ferreira, (Luís Luís), José Pires, Simão Cunha, Francisco Borges (Pedro Rogério), Jorge Herédia, António Cunha, Pedro Neto, João Queimado (3,2), Tomás Morais, Nuno Mourão, Castro Pereira, Pedro Murinelo (5), Vilar Gomes.

11 DE MAIO/93

PORTUGAL-BÉLGICA

Árbitro — Paraschivescu (Roménia)

Resultado — 8-3 (3-3)

PORTUGAL — Eduardo Macedo, Miguel Baptista (João Rocheta) Luís Luís, Pedro Rogério, Simão Cunha, José Pires, Jorge Herédia (5), António Cunha, Pedro Neto, João Queimado (3), Tomás Morais, Nuno Mourão, Castro Pereira, Pedro Murinelo, Vilar Gomes.

BÉLGICA — Descamps, Beuzer, Finquet (Van Hee), Van Hemelen, De Coen, Lali, Humblet, Delsupexhe, Brantegem, Bierneaux, Boets, Gerard, Demulin, Van Looy, Starquit (3).

13 DE MAIO/93

PORTUGAL-SUIÇA

Árbitro — C. Blaäs (Holanda)

Resultado — 32-0 (10-0)

PORTUGAL — Eduardo Macedo (Joaquim Ferreira), João Rocheta, Luís Luís, Simão Cunha, Pedro Rodrigues, Francisco Borges, (António Cunha) Jorge Herédia, José Pires, João Jonet, João Queimado (5,3,2,2), Pedro Neiva, Nuno Mourão, Nuno Tomás (5,5), Pedro Murinelo (5), Vilar Gomes (3) (Tomás Morais).

SUIÇA — Hensingler, Csebits, Bachmann, Bindschedler, Tagliabue, Farine, Dupont (Bach), Verneret, Joly, Planes, Laffont, Dillier, Walker, Galnzmann, Meyer.

16 DE MAIO/93

PORTUGAL-ESPANHA

Árbitro — Paraschivescu (Roménia)

Resultado — 15-37 (6-18)

PORTUGAL — Eduardo Macedo, João Rocheta, Luís Luís, Pedro Rogério, Simão Cunha, José Pires, Jorge Herédia, António Cunha, João Jonet, João Queimado (3, 3, 3, 3, 3) Tomás Morais, Nuno Mourão, Nuno Tomás, Pedro Munnelo, Pedro Neiva.

ESPANHA — Júlio Alvarez, De la Calle, Asier Altuna, del canto (Beloki), Solano, Malo, Jon Etyebarria, Illaregui (5), Javier Diaz (2) (Hernandez), Aurrekortexa, Carlos Moreno (5), Gabriel Rivero (5), Jon Azkagorta (5), Nermosilla, Francisco Puertas (3,5,2).



Pedro Neiva parece impotente perante o arranque do "ponta" espanhol.



Pedro Rodrigues rodeado de romenos.

ESTATÍSTICA DOS RESULTADOS DA SELECÇÃO NACIONAL

1 — ESTATÍSTICA GERAL

	N.º jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	P. marc.	P. sof.
1969 (35 anos)	16	3	2	11	102	244
1970 a 1980 (10 anos)	13	4	3	6	129	132
1981 a 1985 (5 anos)	21	14	1	6	355	247
1986 a 1990 (5 anos)	27	8	1	18	332	740
1990 a 1993 (3 anos)	13	5	—	8	208	230
TOTAIS GLOBAIS	90	34	7	49	1126	1563

2 — ESTATÍSTICA POR SELECÇÕES

PAÍSES (19)	N.º jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	P. marc.	P. sof.
ANDORRA	2	2	—	—	62	21
ALEMANHA	3	2	—	1	48	49
BÉLGICA	8	5	2	1	92	68
CHECOSLOVÁQUIA	2	2	—	—	62	21
DINAMARCA	2	2	—	—	85	19
ESPAÑA	14	2	1	11	91	241
FRANÇA	3	—	—	3	38	154
HOLANDA	7	4	1	2	95	94
ITÁLIA	9	1	1	7	53	155
JUGOSLÁVIA	3	2	1	—	38	21
MARROCOS	8	3	1	4	82	85
NAMÍBIA	2	—	—	2	21	122
POLÓNIA	5	2	—	3	57	82
ROMÉNIA	4	—	—	4	40	164
SUÉCIA	2	2	—	—	32	19
SUIÇA	4	4	—	—	125	4
TUNÍSIA	7	3	—	4	87	101
URSS	2	—	—	2	9	79
ZIMBABWÉ	3	1	—	2	36	102
TOTAIS	90	34	7	49	1126	1563

3 — PAÍSES COM OS QUAIS TEMOS SALDO POSITIVO

PAÍSES (9)	N.º jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	P. marc.	P. sof.
ANDORRA	2	2	—	—	62	21
ALEMANHA	3	2	—	1	48	21
BÉLGICA	8	5	2	1	92	68
CHECOSLOVÁQUIA	2	2	—	—	33	13
DINAMARCA	2	2	—	—	85	19
HOLANDA	7	4	1	2	95	94
JUGOSLÁVIA	3	2	1	—	38	21
SUÉCIA	2	2	—	—	32	19
SUIÇA	4	4	—	—	125	4
TOTAL	33	25	4	4	610	308

4 — PAÍSES COM OS QUAIS TEMOS SALDO NEGATIVO

PAÍSES (10)	N.º jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	P. marc.	P. sof.
ESPAÑA	14	2	1	11	91	241
FRANÇA	3	—	—	3	38	154
ITÁLIA	9	1	1	7	53	155
MARROCOS	8	3	1	4	82	85
NAMÍBIA	2	—	—	2	21	122
POLÓNIA	5	2	—	3	57	82
ROMÉNIA	4	—	—	4	40	164
TUNÍSIA	7	3	—	4	87	101
URSS	2	—	—	2	9	79
ZIMBABWE	3	1	—	2	36	102
TOTAL	67	12	3	42	524	1285

CAMPEONATO DO MUNDO — GRUPO EUROPA OESTE

TORNAR DÍFICIL O FÁCIL

Portugal, teve frente à Bélgica, no primeiro jogo de apuramento do mundial, uma exibição com muitos altos e baixos, em que o grande nervosismo foi a palavra de ordem.

Portugal perdeu neste encontro a hipótese de vencer por margem dilatada, tal foi o domínio que exerceu nalguns, muitos, momentos da partida.

Tudo parecia fácil quando João Queimado transformou uma penalidade logo aos dois minutos. Estes três pontos fizeram com que o "quinze" nacional não saísse do meio campo adversário durante os 20 minutos iniciais. Mas quem não marca quando domina vem a sofrer as consequências, e foi o que aconteceu aos 25 minutos quando os belgas empataram o jogo.

Nos últimos momentos do primeiro tempo o "quinze" nacional ainda construiu uma excelente jogada que quase dava ensaio.

Na segunda metade os portugueses entraram ainda com maior determinação remetendo os belgas para a sua área de 22.

Naturalmente aconteceu o ensaio luso, numa das poucas bolas abertas às linhas atrasadas, tendo a dobra de Jorge Herédia sido fundamental para a obtenção do ensaio.

Portugal continuou a dominar até aos vinte minutos, altura em que duma situação de ensaio eminente, quase deixava a Bélgica marcar.

A partir daí o sufoco foi tremendo, com os belgas a pressionar e a dominar, sendo a única nota positiva dada pelos portugueses a forma empenhada e acertada como defenderam.

Depois do jogo frente à Itália, esta vitória a ferros perante a Bélgica deixava algumas nuvens no horizonte.

No entanto mais vale ganhar jogando mal, do que perder jogando bem.



João Jonet prepara-se para jogar a bola no Portugal-Suíça.

SUÍÇA — RESULTADO CONFORTÁVEL

Frente à Suíça, Portugal fez várias alterações em relação ao jogo anterior, atingindo uma vitória confortável, embora a exibição não tivesse sido deslumbrante. Portugal controlou sempre o jogo, dominou, e poderia ter construído um resultado muito mais sólido dos que os 32-0 finais.

Apesar de não jogar bem, Portugal cumpriu neste jogo o objectivo que se propusera no início da temporada — o apuramento para a fase seguinte do campeonato do mundo.

Faltava jogar o encontro decisivo frente à Espanha a quem Portugal não vencia, e continua a não vencer, há 26 anos.

ESPAÑA — AGARRAR O COMBOIO DA EUROPA

Frente à Espanha o "quinze" nacional apesar de derrotado teve uma exibição muito agradável, atenuando de forma clara a "decalage" em relação aos espanhóis. Neste encontro os portugueses começaram mal, deixando (oferecendo) os "nuestros hermanos" adiantarem-se no marcador de forma irreversível.

No primeiro quarto de hora de jogo a turma nacional ofereceu oito pontos infantis à Espanha.

O facto mais negativo deste encontro reside no facto de Portugal ter sofrido mais dois ensaios a partir de "mellée".

Com 16-6 ao intervalo, e sem nada a perder, Portugal teve 20 minutos de grande qualidade na segunda parte vulgarizando a equipa espanhola.

Pena foi, que a boa movimentação da equipa nacional

não tivesse sido coroada com a obtenção de um ensaio. Este período de jogo demonstrou que Portugal está a construir uma equipa com futuro, actual, que poderá "explodir" a qualquer momento.

As metas traçadas pelos responsáveis lusos, ganhar à Espanha em 94 demonstram uma grande confiança no futuro próximo e um enorme desejo de progressão. Pelo que fez, a espaços o "quinze" nacional poderá a prazo diminuir a distância em relação às potências europeias, e praticar um tipo de jogo actual com a participação de todos os sectores.

Finalizando, Portugal cumpriu os objectivos propostos tendo a F.P.R. fortalecido a sua credibilidade a nível internacional, fruto da excelente organização desta fase Europa Oeste do campeonato do Mundo 95.



OS RESULTADOS

Espanha - Suíça	41-0
Bélgica - Portugal	3-8
Bélgica - Espanha	6-67
Portugal - Suíça	32-0
Portugal - Espanha	15-37
Suíça-Bélgica	3-42

CLASSIFICAÇÃO

	VIT.	EMP.	DER.	PON./MAR./SOF.	PONTOS
1.º ESPANHA	3	—	—	145-21	6
2.º PORTUGAL	2	—	1	55-40	4
3.º BÉLGICA	1	—	2	51-78	2
4.º SUÍÇA	—	—	3	3-115	0

O JOGO DA SELECÇÃO SÓ TENDE A MELHORAR

Terminada a campanha internacional, ouvimos João Queimado, a fazer a sua décima época internacional, e, como tal, profundo conhecedor dos problemas do "quinze" nacional.

"RUGBY MAGAZINE" — Valeu a pena todo o trabalho desenvolvido em 92-93?

JOÃO QUEIMADO — Valeu a pena. Em primeiro lugar porque o grande objectivo, o de nos apurarmos para a fase seguinte do Mundial foi cumprido.

Em segundo lugar, houve pontos fracos crónicos da selecção que tiveram uma evolução muito positiva. Refiro-me ao alinhamento, ao "maul" e ao "ruck".

"HOUE UMA GRANDE EVOLUÇÃO NOS REAGRUPAMENTOS E NO ALINHAMENTO"

É óbvio que uma época é um período curto para evoluir tudo o que é necessário.

Para além da obtenção dos resultados foi muito importante a forma como se obtiveram.

Penso que o jogo português evoluiu e o número de segundas e terceiras fases que conseguimos fazer são a prova disso.

Houve uma fase de aprendizagem do seleccionador nacional em relação aos jogadores portugueses, à melhor forma de aproveitar as suas qualidades.

Penso que essa fase está ultrapassada, e a partir de agora só a progressão é possível.

"R. M." — É internacional senior há dez anos. Alguma vez viu tanta falta de apoio em redor do "quinze" nacional?

J. Q. — Se falarmos em relação à Federação há que dizer que talvez tenhamos tido as melhores condições de sempre.

No entanto não vale a pena negar que existiram imensas críticas e desconfiança em relação à Selecção Nacional, por parte de algumas pessoas ligadas ao rugby. Aconselhava essas pessoas a verem como se trabalha na selecção para depois poderem tecer críticas fundamentadas.

"DEVIAM TER AGUARDADO PARA CRITICAR"

Sobretudo aviso que as críticas foram prematuras e dever-se-ia ter esperado pelo fim da campanha internacional, quando mais não fosse para que essas críticas fossem mais consistentes.

"R. M." — Acha que a estrutura técnica montada pela F.P.R. está perto do ideal?

J. Q. — Talvez gostasse de ver alguns recentes ex-jogadores internacionais a acompanharem o trabalho das selecções porque penso que são potenciais futuros bons treinadores.

O rugby português precisa dos seus conhecimentos e do seu apoio.

"R. M." — Tem trabalhado com vários seleccionadores. Aceita críticas ao novo treinador?

J. Q. — Não aceito porque são infundadas e com desconhecimento de causa.

Por outro lado, foram prematuras, já que o trabalho se avalia pelas

internacional inglês especialista no jogo ao pé.

"R. M." — O modo de jogo da selecção tem sido muito criticado. Como assimilou o grupo de trabalho esta nova forma de jogar? É este o modelo que Portugal deverá ter a partir de agora e no qual deve investir?

J. Q. — Julgo que a primeira grande preocupação de Andrew Cushing foi organizar o jogo da equipa portuguesa.

"A PRIMEIRA GRANDE PREOCUPAÇÃO FOI ORGANIZAR O JOGO DA EQUIPA PORTUGUESA"

Como sabes o nosso jogo é anárquico e individualista, sendo a primeira grande meta tornar o jogo mais colectivo. Daí a preocupação de fazer um jogo fechado colocando a bola mais perto do "pack", de modo a tornar possível posteriores encadeamentos.

Penso ter sido esta a razão de até determinada altura termos feito um jogo tão fechado.



João Queimado, o capitão do "quinze" nacional joga ao pé no Portugal-Itália.

"performances" da equipa. Aceitá-las-ia, e aceito-as finada a campanha internacional.

Na minha opinião, Andrew Cushing é um profundo conhecedor do jogo e um grande disciplinador, sendo este aspecto fundamental quando se fala de equipas portuguesas.

"CUSHING É UM PROFUNDO CONHECEDOR DO JOGO"

Por outro lado, permitiu-nos o contacto com Allistar Mc'Harg, 46 vezes internacional pela Escócia que nos deu uma grande ajuda nos alinhamentos. Trabalhámos ainda com Simon Hudginson, antigo

Depois de apreendida a ideia, já é possível alargar um pouco mais o perímetro de jogo, sem perder o controlo da bola.

A prova disso foi o jogo com a Espanha, em que as instruções foram para jogar muito mais largo do que em jogos anteriores.

Este ano foi de conhecimentos entre as pessoas, e julgo que Andrew Cushing se vai aperceber da melhor forma de maximizar as qualidades do jogador português. Penso que a receptividade dos jogadores foi boa, todos gostaram do tipo de trabalho, e sobretudo toda a gente sabia perfeitamente qual era o plano de jogo e o papel de cada um dentro de campo. ■

INGLATERRA CONQUISTA MUNDIAL DE SEVENS

Fugindo a todas as expectativas, a Inglaterra sagrou-se o primeiro Campeão Mundial de Sevens, ao bater na final a Austrália, campeã do Mundo de "quinze", por 21-17, com 21-5 ao intervalo.

As 24 equipas foram agrupadas em quatro séries, apurando-se para os quartos de final os dois primeiros classificados de cada grupo.

RESULTADOS

GRUPO A

País de Gales-Roménia ..	33-7
África do Sul-Japão	28-5
Fidji-Letónia	42-0
Fidji-Japão	28-17
Roménia-Letónia	22-5
Af.do Sul-P. de Gales ...	36-14
Fidji-Roménia	40-0
País de Gales-Japão	35-7
África do Sul-Letónia	47-5
África do Sul-Roménia ..	38-0
Fidji-País de Gales	21-17
Japão-Letónia	21-14
Japão-Roménia	17-15
País de Gales-Letónia ...	36-7
África do Sul-Fidji	26-19

GRUPO B

Nova Zelândia-Holanda ..	49-7
Irlanda-Coreia do Sul	21-12
França-EUA	22-7
Nova Zelândia-EUA	19-5
Coreia do Sul-Holanda ..	28-12
Irlanda-França	17-7
França-Holanda	26-14
N. Zelândia-C. do Sul ...	46-0
Irlanda-EUA	38-0
N. Zelândia-Irlanda	24-7
Coreia do Sul-França ...	14-0
EUA-Holanda	31-0
Coreia do Sul-EUA	26-19
Irlanda-Holanda	45-0
Nova Zelândia-França ...	19-5

GRUPO C

Austrália-Taiwan	28-0
Escócia-Tonga	15-7
Argentina-Itália	17-7
Tonga-Austrália	10-7
Itália-Taiwan	15-14
Argentina-Escócia	14-10
Austrália-Itália	40-0
Tonga-Argentina	17-5
Escócia-Taiwan	36-5
Tonga-Taiwan	52-0
Austrália-Argentina	42-5
Escócia-Itália	21-12
Tonga-Itália	31-7
Argentina-Taiwan	26-5
Austrália-Escócia	26-14

GRUPO D

Inglaterra-Hong-Kong	40-5
Samoa-Espanha	47-0
Canadá-Namíbia	21-7
Inglaterra-Espanha	31-0

Hong-Kong-Namíbia	19-17
Samoa-Canadá	28-14
Samoa-Hong-Kong	45-7
Espanha-Canadá	12-5
Inglaterra-Namíbia	24-5
Inglaterra-Canadá	33-0
Espanha-Hong-Kong	26-5
Samoa-Namíbia	47-0
Namíbia-Espanha	26-21
Canadá-Hong-Kong	35-7
Samoa-Inglaterra	28-10

QUARTOS DE FINAL

GRUPO 1

Irlanda-Samoa	17-0
Fidji-Tonga	21-7
Fidji-Samoa	14-12
Irlanda-Tonga	14-12
Samoa-Tonga	42-7
Fidji-Irlanda	31-7

GRUPO 2

Austrália-África do Sul ..	7-5
Inglaterra-N. Zelândia	21-12
Inglaterra-África do Sul ..	14-7
N. Zelândia-Austrália	42-0
Áf. do Sul-N. Zelândia ...	31-14
Áustrália-Inglaterra	21-12

MEIAS-FINAIS

Inglaterra-Fidji	21-7
Áustrália-Irlanda	21-19

FINAL

Inglaterra-Áustrália	21-17
----------------------------	-------

THE MAGNIFICENT

SEVENS

MURRAYFIELD

RUGBY WORLD CUP SEVENS '93

APRIL 16 ~ 18 1993



Imagem do PUC-Técnico, referente à final da Taça Primavera de 1992. (Foto Nuno Correia)

EQUIPAS DE TRÊS CONTINENTES EM LISBOA

LISBOA SEVENS COM DEZ EQUIPAS NACIONAIS

LISBOA tem este ano pela sétima vez o privilégio de assistir a um dos mais espectaculares torneios de rugby do mundo — o “DN/Lisboa Sevens”. Pela primeira vez destinado a equipas nacionais e equipas de convites, o “DN/Lisboa Sevens” vai reunir no primeiro fim de semana de Junho, na capital, algumas das melhores equipas de “sevens” que actuam nos mais importantes torneios da variante.

Torneio essencialmente europeu, o “DN/Lisboa Sevens” não esqueceu a sua vocação intercontinental, e entre as 16 equipas participantes lá estão as selecções da Tunísia e do Zimbábwe, a defender as cores de África, e os Estados Unidos, a representar o continente americano.

Da Europa continental vem um forte contingente, com a Espanha à cabeça, a Bélgica, a Dinamarca e a Suécia, mas é das Ilhas Britânicas que vem o maior número de equipas, todas elas grandes especialistas no jogo reduzido: Os Irish Wolfhounds, os Marauders e os Artisans, mas, sobretudo, os Scottish Borders (1987), Cambridge (1988, 1989) e os Saltires (1990), todos eles vencedores do Torneio em anos passados.

Aliás, dos anteriores vencedores, apenas os Warblers (1991, 1992) estarão ausentes, pois o seu grande impulsor, Simon Davis, não pode desta feita, encarregar-se da constituição da equipa, apesar das insistências da Comissão Organizadora.

TRÊS SELECÇÕES NACIONAIS EM PROVA

A completar o grupo dos participantes estarão três equipas portuguesas — as selecções nacionais de seniores, de sub-22 e de juniores — a permitir a presença de 30 jogadores nacionais, naquele que será o primeiro grande passo na preparação do ataque ao II Campeonato do Mundo de Sevens a realizar em 1997.

Este ano Portugal não conseguiu estar presente em Edimburgo mas a presença da nossa equipa representativa na fase qualificativa que teve lugar na Sicília em 1992, e a derrota por um ensaio frente à Espanha, no jogo que decidia qual das duas equipas iria à Fase Final, foi a prova concreta da capacidade

I LISBOA SEVENS

Estádio Nacional (campos 3 e 4)
6 e 7 de Junho de 1987

SÉRIE 1:

Scottish Border, 26-Direito, 4
S. Miguel, 32-Direito, 0
Scottish Border, 24-S. Miguel, 6

SÉRIE 2:

CDUL, 24-Cartha Queens Park, 8
CR Porto, FC-Cartha Q.P., V
CDUL, V-CR Porto, FC

SÉRIE 3:

Cascais, 40-CEU, 0
Benfica II, 7-CEU, 6
Cascais, 28-Benfica II, 0

SÉRIE 4:

Solarians, 10-Belenenses, 30
Técnico, 0-Belenenses 18
Solarians, 22-Técnico, 10

SÉRIE 5:

Clube do Rugby, 4-Koloy's, 6
Cartha Q.P. II, 12-Koloy's 13
Clube do Rugby, 12-Cartha Q.P. II, 10

SÉRIE 6:

Reading, 26-E. Amadora, 0
Kouratae, 4-E. Amadora, 12
Reading, 38-Kouratae, 0

SÉRIE 7:

Benfica, 8-Cascais II, 0
Cascais II, 12-Acton Albion, 4
Benfica, 8-Cascais II, 0

SÉRIE 8:

Cambridge, 44-Técnico II, 0
Lousã, 6-Técnico II, 10
Cambridge, 40-Lousã, 0

TAÇA LARANJA:

Direito, V-CR Porto, FC
CEU, 18-Técnico, 4
Cartha Q.P. II, 10-Kouratae, 4
Acton Albion, 12-Lousã, 16

Direito, 20-CEU, 6
Cartha Q.P. II, 36-Lousã, 0

Direito, 18-Cartha Q.P. II, 4

TAÇA PRIMAVERA:

S. Miguel, 6-Cartha Q.P., 12
Benfica II, 0-Solarians, 30
Clube do Rugby, 20-E. Amadora, 0
Cascais II, 14-Técnico II, 10

Cartha Q.P., 6-Solarians, 28
Clube do Rugby, 22-Cascais II, 4

Solarians, 24-Clube do Rugby, 22

LISBOA SEVENS:

Scottish Border, 20-CDUL, 16
Cascais, 14-Belenenses, 4
Koloy's 4-Reading, 14
Benfica, 0-Cambridge, 18

Scottish Border, 16-Cascais, 14
Reading, 0-Cambridge, 38

Scottish, 20-Cambridge, 6

II LISBOA SEVENS

Estádio Nacional (campo 2)
4 e 5 de Junho de 1988

SÉRIE 1:

Scottish Border, 38-Benfica II, 0
E. Amadora 4-Benfica II, 24
Scottish Border, 50-E. Amadora, 0

SÉRIE 2:

CDUL, 26-Gibraltar, 0
S. Miguel, 9-Gibraltar, 4
CDUL, 22-S. Miguel, 10

SÉRIE 3:

Benfica, 30-Técnico, 10
Cascais II, 10-Técnico, 12
Benfica, 24-Cascais II, 6

SÉRIE 4:

Cascais, V-Medicina, FC
Arcos de Valdevez, V-Medicina, FC
Cascais, 22-Arcos de Valdevez, 0

SÉRIE 5:

Vagabundos, 8-Agronomia, 12
Belém, 24-Agronomia, 4
Vagabundos, 0-Belém, 26

SÉRIE 6:

Belenenses, 22-Clube do Rugby, 22
Lousã, 0-Clube do Rugby, 22
Belenenses, 34-Lousã, 8

SÉRIE 7:

Gloucester, 26-Pirilampos, 0
Pirilampos, 6-Académica, 6
Gloucester, 26-Pirilampos, 0

SÉRIE 8:

Cambridge, 40-Direito, 6
Gloucester II, 18-Direito, 0
Cambridge, 42-Gloucester II, 0

TAÇA LARANJA:

Estrela da Amadora, 4-Gibraltar, 16
Cascais II, V-Medicina FC
Vagabundos, 22-Lousã, 8
Pirilampos, 4-Direito, 22

Gibraltar, 14-Cascais II, 15
Vagabundos, 0-Direito, 48

Cascais II, 8-Direito, 12

TAÇA PRIMAVERA:

Benfica II, 6-S. Miguel, 10
Técnico, 0-A. Valdevez, 28
Agronomia, 0-Clube do Rugby, 28
Académica, 12-Gloucester II, 4

S. Miguel, 20-A. Valdevez, 12
Clube do Rugby, 23-Académica, 16

S. Miguel, 18-Clube do Rugby, 22

LISBOA SEVENS:

Scottish Border, 14-CDUL, 4
Benfica, 3-Cascais, 10
Belém, 6-Belenenses, 12
Gloucester, 12-Cambridge, 30

Scottish Border, 4-Cascais, 10
Belenenses, 0-Cambridge, 50

Cascais, 6-Cambridge, 28



Eric Rush, levanta o troféu conquistado pelos Warblers em 1992.

dos jogadores portugueses na variante, e constituiu importante estímulo para a preparação da equipa a médio prazo, não deixando tudo para a última hora como aconteceu no ano transacto. O "DN/Lisboa Sevens" vai ter este ano um novo formato passando a ser disputado por quatro grupos de quatro equipas no sábado. No domingo as duas melhores equipas de cada grupo voltarão a ser reunidas em dois grupos de quatro equipas, apurando-se os dois primeiros de cada um deles para disputarem em meias finais e final o "Lisboa Sevens". Quanto às oito equipas não apuradas o sistema será o mesmo, mas para disputa da Taça Primavera.

PORTUGAL ENTRE OS FAVORITOS

Apesar da dificuldade em fazer prognósticos num torneio com as

características do "DN/Lisboa Sevens", é, no entanto, possível dividir as 16 equipas em dois grupos distintos, com Cambridge, os Saltires, os Wolfhounds, os Scottish Borders, os Marauders, os EUA, a Espanha e Portugal mais "preparados" para o grupo dos vencedores, e as restantes oito equipas a tornarem a Taça Primavera também ela numa prova de muito equilíbrio e qualidade.

Mas, se as expectativas não saírem defraudadas, Cambridge, Saltires, a Espanha e — porque não? — Portugal poderão manter esperanças de vitória até às fases mais adiantadas do Torneio.

A Federação Portuguesa de Rugby decidiu associar-se este ano de uma forma mais sólida à organização do torneio, contribuindo não de uma forma simbólica, mas de uma forma efectiva, em reconhecimento pela qualidade da prova que o

Clube do Rugby tem vindo a oferecer aos amantes da modalidade, e pela qual o rugby português tem vindo a ser conhecido por esse mundo fora. Não nos esqueçamos que ao longo dos anos tem participado no mais prestigiado torneio de rugby do País equipas e jogadores do Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia, Escócia, Irlanda, Inglaterra, País de Gales, Espanha, Holanda, França, ex-Jugoslávia, Itália, Gibraltar e Suécia entre outros.

ESTARÃO PRESENTES GRANDES NOMES DA ARBITRAGEM

Mas, também, ao nível dos árbitros presentes o "DN/Lisboa Sevens" vai manter uma tradição de qualidade, já que, a par dos melhores portugueses, se deslocarão ao nosso País os internacionais Les

III LISBOA SEVENS

Estádio Universitário (campo 2)
3 e 4 de Junho de 1989

SÉRIE 1:

Pirilampos, 32-Vila Real, 6
Vila Real, 0-Cambridge, 40
Cambridge, 24-Pirilampos, 0

SÉRIE 2:

Direito, 10-Old Reed, 4
Old Reed, 6-S. Miguel, 6
S. Miguel, 10-Direito, 18

SÉRIE 3:

Belenenses II, 10-Gibraltar, 29
Gibraltar, 6-CDUL, 27
CDUL, 44-Belenenses II, 6

SÉRIE 4:

Técnico, 16-Vagabundos, 4
Vagabundos, 4-Belenenses, 34
Belenenses, 18-Técnico, 9

SÉRIE 5:

Arcos de Valdevez, 16-Belas, 6
Belas, 0-Anti-Assassins, 42
Anti-Assassins, 28-Arcos de Valdevez, 0

SÉRIE 6:

Anti-Assassins II, 32-Económicas, 6
Económicas, 4-Benfica, 20
Benfica, 3-Anti-Assassins, 20

SÉRIE 7:

Cascais II, 16-Técnico II, 6
Técnico II, 0-Clube do Rugby, 16
Clube do Rugby, 6-Cascais II, 4

SÉRIE 8:

Lousã, 3-Orleans FP, 14
Orleans FP, 0-Cascais, 36
Cascais, 38-Lousã, 0

TAÇA LARANJA:

Vila Real, 6-Old Reed, 34
Belenenses II, 18-Vagabundos, 8
Belas, 12-Económicas, 10
Técnico II, 18-Lousã, 0

Old Reed, 22-Belenenses II, 3
Belas, 12-Técnico II, 6

Old Reed, 16-Belas, 8

TAÇA PRIMAVERA:

Pirilampos, 12-S. Miguel, 10
Gibraltar, 6-Técnico, 8
A. Valdevez, 6-Benfica, 18
Cascais II, V-Orleans F.P. FC

Pirilampos, 16-Técnico, 4
Benfica, 18-Cascais II, 12

Pirilampos, 12-Benfica, 20

LISBOA SEVENS:

Cambridge, 32-Direito, 0
CDUL, 16-Belenenses, 0
Anti-Assassins, 40-Anti-Assassins II, 4
Clube do Rugby, 4-Cascais, 34

Cambridge, 24-CDUL, 6
Anti-Assassins, 12-Cascais, 14

Cambridge, 52-Cascais, 0

IV LISBOA SEVENS

Estádio Universitário (campo 2)
2 e 3 de Junho de 1990

SÉRIE 1:

Técnico, 14-Arcos Valdevez, 6
Arcos Valdevez, 0-Cambridge, 34
Cambridge, 38-Técnico, 0

SÉRIE 2:

Gibraltar24-Belas, 4
Belas, 0-Cascais, 32
Cascais, 16-Gibraltar, 0

SÉRIE 3:

Universidade Livre, 12-Académica, 0
Académica, 6-Saltire, 20
Saltire, 30-Universidade Livre, 4

SÉRIE 4:

Benfica, 8-Agronomia, 10
Agronomia, 6-Barbarians, 26
Barbarians, 48-Benfica, 4

SÉRIE 5:

Direito, 4-David Boast, 0
David Boast, 0-Impala, 46
Impala, 32-Direito, 0

SÉRIE 6:

Belenenses, 22-Old Elthamians, 0
Old Elthamians, 6-C. Wolverines, 34
C. Wolverines, 26-Belenenses, 4

SÉRIE 7:

South Molton, 38-Independiente, 0
Independiente, 6-CDUL, 32
CDUL, 13-South Molton, 12

SÉRIE 8:

Le Tigri, 4-Vila Real, 26
Vila Real, 6-Gloucester, 340
Gloucester, 46-Le Tigri, 0

TAÇA LARANJA:

David Boast, 10-Old Elthamians, 28
Independiente, 30-Le Tigri, 0
Arcos Valdevez, 7-Belas, 0
Académica, 26-Benfica, 6

Old Elthamians, 10-Académica, 20
Arcos Valdevez, 10-Académica, 20

Independiente, 18-Académica, 14

TAÇA PRIMAVERA:

Direito, 3-Belenenses, 12
South Molton, 38-Vila Real, 0
Técnico, 8-Gibraltar, 0
Universidade Livre, 0-Agronomia, 8

Belenenses, 6-South Molton, 10
Técnico, 0-Agronomia, 0
(0-4 após prolongamento)

South Molton, 46-Agronomia, 4

LISBOA SEVENS:

GRUPO A:

Cambridge, 30-CDUL, 0
Impala, 12-Saltire, 20
CDUL, 12-Impala, 22
Saltire, 10-Cambridge, 10
Saltire, 42-CDUL, 6
Cambridge, 26-Impala, 0

GRUPO B:

Cascais, 12-Gloucester, 18
C. Wolverines, 6-Barbarians, 32
Gloucester, 4-C. Wolverines, 28
Barbarians, 28-Cascais, 10
Barbarians, 30-Gloucester, 18
Cascais 4-C. Wolverines, 18

1/2 FINAIS:

Saltire, 18-C. Wolverines, 4
Barbarians, 12-Cambridge, 30

3.º/4.º

C. Wolverines, 6-Barbarians, 28

FINAL

Saltire, 32-Cambridge, 20



Fred Howard, um dos expoentes da arbitragem mundial em ação no Lisboa Sevens de 1992. (Foto Nuno Correia)

Peard do País de Gales e os ingleses Edward Morrison e Tony Spreadbury.

No passado, outros grandes nomes da arbitragem internacional por cá passaram, como Colin High em 1987 (Inglaterra), Jim Fleming (Escócia) em 1990, Clive Norling em 1991 (País de Gales) e Fred Howard (Inglaterra) em 1992. Além destes nomes de primeiro plano outros menos conhecidos também já arbitram jogos do "DN/Lisboa Sevens". Estão entre eles o francês Daniel Pascal, o holandês Cees Blaas e o canadiano Gad-jouich.

Como habitualmente estes juizes internacionais estarão à disposição dos árbitros portugueses se estes entenderem aproveitar a ocasião para organizarem encontros ou debates onde as últimas alterações às Leis do Jogo poderão ser discutidas, e será também uma ocasião para todos, árbitros, jogadores, treinadores e público, observarem como vai a arbitragem por outras paragens e a outros níveis. Finalmente, como janela que é para o mundo, o "DN/Lisboa

AS SÉRIES DO TORNEIO

SÉRIE 1

Portugal
Saltires
Dinamarca
Tunísia

SÉRIE 2

Zimbabwe
Irish Wolfhounds
Marauders
Portugal-sub 19

SÉRIE 3

Scottish Border
Espanha
Portugal-sub 22

SÉRIE 4

Cambridge
Estados Unidos
Bélgica
Artisans

TROFÉU LISBOA SEVENS

GRUPO A

1.º Série 1
2.º Série 2
1.º Série 3
2.º Série 4

GRUPO B

2.º Série 1
1.º Série 2
2.º Série 3
1.º Série 4

TAÇA PRIMAVERA

GRUPO C

4.º Série 1
3.º Série 2
4.º Série 3
3.º Série 4

GRUPO D

3.º Série 1
4.º Série 1
3.º Série 3
4.º Série 4

V LISBOA SEVENS

Estádio Universitário (campo 2)
1 e 2 de Junho de 1991

SÉRIE 1:

Cascais, 42-Pellegrini, 4
Warblers, 48-Pellegrini, 0
Warblers, 26-Cascais, 12

SÉRIE 2:

Belenenses, 28-Arcos de 7's, 0
Cougars, 36-Arcos 7's, 0
Cougars, 30-Belenenses, 0

SÉRIE 3:

CDUL, 26-Técnico, 6
Crawshay's, 34-Técnico, 0
Crawshay's, 18-CDUL, 6

SÉRIE 4:

Direito, 6-S. Miguel, 12
Barbarians, 46-S. Miguel, 0
Barbarians, 26-Direito, 12

SÉRIE 5:

Swansea, 22-Benfica, 0
Saltires, 36-Benfica, 0
Saltires, 46-Swansea, 0

SÉRIE 6:

Cheshire, 24-Académica, 4
Cambridge, 22-Cheshire, 10
Cambridge, 22-Cheshire, 10

SÉRIE 7:

Scottish Border, 18-Belas, 7
Cisneros, 18-Belas, 7
Cisneros, 8-Scottish Border, 32

SÉRIE 8:

Buffalos, 16-Agronomia, 4
Froggies, 40-Agronomia, 0
Froggies, 26-Bufalos, 6

TAÇA LARANJA:

Belas, 0-Agronomia, 28
Benfica, 22-Académica, 4
Técnico, 20-Direito, 16
Pellegrini, 12-Arcos 7's, 4

Agronomia, 6-Benfica, 12
Técnico, 18-Pellegrini, 4

Benfica, 38-Técnico, 0

TAÇA PRIMAVERA:

Cisneros, 4-Buffalos, 24
Swansea, 24-Cheshire, 18
CDUL, 16-S. Miguel, 8
Cascais, 22-Belenenses, 8

Buffalos, 20-Swansea, 12
CDUL, 13-Cascais, 28

LISBOA SEVENS:

GRUPO A:

Warblers, 36-S. Border, 4
Saltires, 26-Crawshay's, 0
S. Border, 12-Saltires, 26
Crawshay's, 8-Warblers, 24
Crawshay's, 20-S. Border, 18
Warblers, 0-Saltires, 30

GRUPO B:

Cougars, 8-Froggies, 22
Cambridge, 6-Barbarians, 6
Froggies, 16-Cambridge, 12
Barbarians, 22-Cougars, 22
Barbarians, 0-Froggies, 18
Cougars, 12-Cambridge, 18

1/2 FINAIS:

Saltires, 16-Cambridge, 14
Froggies, 6-Warblers, 24

FINAL:

Saltires, 18-Warblers, 24

VI LISBOA SEVENS

Estádio Universitário (campo 2)
6 e 7 de Junho de 1992

SÉRIE 1:

Direito, 4-Agronomia, 6
Warblers, 46-Agronomia, 0
Warblers, 48-Direito, 0

SÉRIE 2:

Benfica, 10-Arcos 7's, 10
London Scottish, 34-Arcos 7's, 7
London Scottish, 28-Benfica, 6

SÉRIE 3:

Técnico, 20-Belas, 6
Barbarians, 42-Belas, 0
Barbarians, 22-Técnico, 4

SÉRIE 4:

S. Miguel, 6-Académica, 19
Cascais, 30-Académica, 0
Cascais, 44-S. Miguel, 0

SÉRIE 5:

Belenenses, 0-Froggies, 36
UTAD — Faltou

SÉRIE 6:

CDUL, 16-Lisbon Casuals, 12
Buffalos, 30-Lisbon Casuals, 0
Buffalos, 26-CDUL, 0

SÉRIE 7:

PUC, 28-Olaias 7's, 0
Irish Wolfhounds, 28-Olaias 7's, 6
Irish Wolfhounds, 24-PUC, 10

SÉRIE 8:

Benidorm 7's, 8-Tapada 7's, 6
Saltire, 38-Tapada 7's, 0
Saltire, 40-Benidorm 7's, 0

TAÇA LARANJA:

Olaias 7's, 0-Tapada 7's, 16
UTAD, FC-Casuals, V
Belas, 6-S. Miguel, 12
Direito, 16-Benfica, 22

Tapada 7's, 12-Casuals, 6
S. Miguel, 6-Benfica, 26
Tapada 7's, 0-Benfica, 6

TAÇA PRIMAVERA:

PUC, 12-Benidorm 7's, 6
Belenenses, 18-CDUL, 6
Técnico, 20-Académica, 6
Agronomia, 6-Arcos 7's, 16

PUC, 16-Belenenses, 12
Técnico, 20-Arcos 7's, 0

PUC, 28-Técnico, 4

LISBOA SEVENS:

GRUPO A:

Warblers, 16-Irish Wolfhounds, 22
Froggies, 14-Barbarians, 0
Irish Wolfhounds, 16-Froggies, 10
Barbarians, 6-Warblers, 24
Barbarians, 16-Irish Wolfhounds, 24
Warblers, 20-Froggies, 4

GRUPO B:

L. Scottish, 0-Saltire, 30
Buffalos, 6-Cascais, 14
Saltire, 16-Buffalos, 16
Cascais, 24-L. Scottish, 4
Cascais, 6-Saltire, 22
L. Scottish, 16-Buffalos, 16

1/2 FINAIS:

Irish Wolfhounds, 6-Cascais, 18
Saltire, 10-Warblers, 12

FINAL:

Cascais, 0-Warblers, 28

Sevens" vai permitir pôr em confronto estilos muito diferentes, onde pontificam os norte-americanos, os africanos do Zimbábwe, os nórdicos da Bélgica, Dinamarca e Suécia, ou os puristas dos Saltires, do Scottish Borders e do Cambridge.

Na corrida pelo título de melhor torneio de "sevens" disputa-se, mais uma vez, no Estádio Universitário de Lisboa, nos dias 5 e 6 de Junho, com início marcado, em cada dia para as 09.00h. Mas, a longa maratona terá alguns momentos de muito interesse a marcar as pausas que se tornam necessárias para repouso dos jogadores. No mais importante desses momentos, antes das finais de domingo, terá oportunidade de ver em actuação algumas das melhores equipas de "miúdos" de Portugal, numa iniciativa que colhe o entusiasmo vibrante de toda a assistência. Como habitualmente também, e caso não possa deslocar-se ao EUL, esteja atento à TV2, porque a final do torneio será transmitida em directo. ■



Grande placagem!!! (Foto Nuno Correia)



Saltires e Warblens nas meias-finais de 92. (Foto Nuno Correia)

Alta performance em segurança...



BDF medipharm

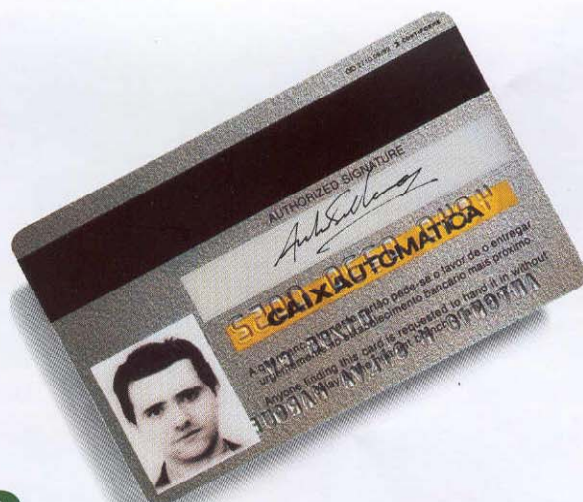
Apartado 9, 2746 QUELUZ CODEX, Telefone PPCA 435

Contacto: Cardoso Cruz

CARTÕES DE CRÉDITO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS



INOVAÇÃO COM SEGURANÇA.



Os cartões Caixa Gold e Caixa Classic, são duas formas inovadoras de aumentar a sua liberdade de acção.

Com a sua fotografia e assinatura impressas a laser, poderá contar com maior comodidade e maior segurança.

À disposição no seu balcão CGD, os cartões de crédito Caixa Gold e Caixa Classic, oferecem-lhe um vantajoso conjunto de serviços e regalias. Caixa Gold e Caixa Classic, inovações que contam.



CAIXA GERAL DE DEPOSITOS



1882
(68)*

1902
(3.241)*

1932
(23.652)*

1962
(244.975)*

1992
(1.481.466)*

* N.º de linhas telefónicas instaladas.

EVOLUÍMOS PARA O TERCEIRO MILÉNIO

Dentro de 7 anos vamos mudar de século e vamos entrar no terceiro milénio.

Uma Era de exigências triplicadas. Um ponto alto na história do Homem. Sabemos que tudo o que evolui tem uma finalidade: a perfeição.

E é por isso que não paramos e crescemos cada vez mais. Em qualidade tecnológica e em prestação de serviços. Desenvolvemos capacidades e investimos em chegar mais longe. Para nós, o futuro está mais perto.



Telefones de Lisboa e Porto, SA